

Alquimia: escreveu Tomás de Aquino algum tratado de alquimia?

por Paulo Faitanin – UFF



Alquimia

1. Alquimia: A palavra remonta às origens da Química. Velha ciência nascida no Egito cujos adeptos, cheios de mistério e embuste, sonhavam com a descoberta do *dixir da longa vida*, capaz de promover uma longevidade ilimitada e com a *pedra filosofal*, substância miraculosa que seria capaz de transformar em ouro qualquer metal. A alquimia teve seu grande momento na época medieval e abriu o caminho para o nascimento da Química, muito depois. [José Luís Soares, *Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia*. São Paulo: Editora Scipione, 2004, p. 16].

2. Tomás alquimista? A edição 224 - Março/2006 da Revista *Super Interessante*, em matéria assinada por José Francisco Botelho, intitulada *O Enigma dos 4 livros*, que trata dos livros mais misteriosos da história, insinuava num texto intitulado *Os delírios de São Tomás* p. 64, que o Aquinate teria escrito uma obra de alquimia de nome *A urora Consurgens* [em português: 'Aurora que surge']. Eis, em resumo, o que dizia a reportagem: *Um casal de gêmeos siameses é embalado por um pássaro azul gigante. Enquanto isso, dois cavaleiros cruzam lanças montados em feras monstruosas: o primeiro usa um elmo feito de raios de sol, o segundo tem 3 rostos semelhantes às fases lunares. Mais adiante, uma criança nua, com a cabeça estraqalhada, arranca pedaços do tórax e os oferece a um companheiro. Sob as asas negras de um corvo, um macaco sorridente toca violino...De acordo com tradições medievais, esse seria o último livro escrito por São Tomás de Aquino, um dos maiores pensadores do cristianismo. Durante centenas de anos, o A urora foi uma das obras mais raras do mundo ocidental. Suas cópias limitavam-se a manuscritos esparsos. A té que no início do século 20 uma reprodução foi casualmente descoberta por um bibliófilo famoso: o psicólogo suíço Carl J. Jung, que ficou hipnotizado pelas imagens fantasmagóricas e interpretou os símbolos alquímicos do A urora como alegorias do inconsciente humano. Para ele, o livro era uma transcrição das últimas palavras do filósofo, pronunciadas em seu leito de morte no mosteiro de Santa Maria della Fossa-Nuova, na Itália. A hipótese é apoiada nos relatos de alguns biógrafos que afirmam que o santo morreu em estado de perturbação mental, assombrado por delírios místicos e visões do além, p. 64.*

3. Esclarecimentos: De 6 de Dezembro de 1273 a 7 de Março de 1274 Tomás de Aquino nada escreveu e se escreveu nada nos chegou. Do mesmo modo, não padeceu nenhuma perturbação esquizofrênica que o fizesse ter

visões ou que justificasse haver escrito algo parecido com o que se narra em *Aurora Consurgens*. Obra que jamais escreveu e que sequer figura nomeada entre as mais autorizadas relações de obras atribuídas ao Aquinate. O Aquinate manteve-se lícido e íntegras as suas faculdades mentais até o dia de sua morte. E muito longe de terem sido aquelas palavras desta obra as últimas proferidas pelo Aquinate, como nos atesta Jean-Pierre Torrell [*Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 343], muito provavelmente as últimas foram de uma profissão de fé, após receber o viático eucarístico, que posteriormente foram inseridas por Guilherme de Tocco na famosa obra *Adoro- Te. Recebo-Te, preço da redenção de minh'alma, recebo-Te, viático de minha peregrinação, por cujo amor estudei, realizei vigílias, sofri, preguei-Te, ensinei; jamais disse algo contra Ti, e se o fiz foi por ignorância e não insisto em meu erro; se ensinei mal a respeito desse sacramento ou de outros, submeto-o ao julgamento da santa Igreja romana, em obediência à qual deixo agora esta vida*.